

PASTAGENS

Pecuaristas buscam opções para contornar déficit de pastagens

O pecuarista da cabanha Luz de São João, de São Gabriel, Celso Jaloto, conta que toda a área que ele tinha destinada para o cultivo de azevém precisou receber tratamento especial para que houvesse disponibilidade de alimento para o rebanho Braford que ele cria. “Não tinha como entrar com trator nas lavouras, pois estava muito alagado, precisei semear e depois aplicar ureia como adubo de cobertura com ajuda de avião. Além disso, não tinha luminosidade para a planta crescer”, diz o pecuarista. Ele conta que pensou em adiar o leilão de touros e fêmeas, marcado para setembro, pois “tem que estar com os animais bem preparados para ir para o leilão

e a gente no início teve muita dificuldade, mas depois as coisas foram se acomodando e deu tudo certo. Mas se fosse num tempo normal, a gente teria ganho aí uns 20 dias”.

Na propriedade dele também é usado o bolo de pré-secado para complementar a alimentação do gado no vazio forrageiro, período em que acabou a pastagem de verão e a de inverno ainda não se desenvolveu, o qual, por sorte, foi preservado durante a enchente. “Para não ficar apenas no campo nativo, colocamos pré-secado e complementa com um proteico energético”. O resultado das enchentes foi atraso na pastagem de azevém, que normalmente, em junho já

está pronta e neste ano não ficou pronta a tempo. “E aí é visível, quando você sai numa pastagem normal de verão ou de suplementação nesse vazio forrageiro e entra no azevém, pois o animal se desenvolve mais.”

O impacto nos custos de produção foi alto, com incremento de 15%, pelo aumento do uso de tecnologia para garantir a germinação e crescimento das pastagens. “Como é uma área que foi cultivada com soja no verão, a adubação da época ajudou”. Quanto à área plantada, Jaloto, diz que, em anos normais planta toda a área de soja com pastagem de inverno, mas que, em função da enchente, teve que reduzir em 50%.



Jaloto cogitou adiar o leilão de reprodutores marcado para setembro

O pecuarista Roberto Beck, da Estância do Espinilho de Cruz Alta, diz que num primeiro momento, logo após a colheita de soja, foi possível plantar pastagens e houve uma germinação boa. “Mas o que foi plantado logo após a chuva, como a aveia, teve atraso total do ciclo, perdemos mais de mês em função do excesso de chuva”. Ele precisou readequar o gado e usou aveia em cochos de alto consumo

e um pouco de pastagem que tinha, para diminuir muito o espaço de volumoso (pré-secado). “Essa suplementação com aveia fazemos só no verão. E o número de animais é o mesmo, apenas encolhemos o espaço e concentramos esses animais num espaço pequeno em função de eles estarem suplementados”. Sobre as áreas erodidas, ele conta que foi feito aterro das valetas para amenizar um pouco o prejuízo.

Conteúdo produzido pelo

Núcleo-i
Conteúdo multimídia patrocinado

para Casa Cotribá

Cotribá debate sucessão rural na Expointer

A Casa Cotribá na Expointer, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, debateu o tema de sucessão familiar na tarde de quarta-feira (28). O painel, com a presença de empresas parceiras e de produtores, destacou o projeto Conexão Cotribá.

A iniciativa, junto à Bayer e a Safras & Cifras, auxilia famílias a fazerem a transição de seus negócios no campo. O programa, constituído por módulos, aborda questões como gestão econômica, governança e planejamento sucessório e tributário.

O presidente da Cotribá, Celso Krug, relata que houve um esvaziamento do interior nos últimos anos, o que fez com que a iniciativa fosse colocada em prática. “Nos eventos, a faixa etária dos produtores é de 50 anos para cima. Isso é preocupante. Precisamos de ideias novas e de tecnologia nas propriedades”, considera Krug, que tem

exemplos de sucessão em sua família.

Já o vice-presidente da cooperativa, que é a mais antiga do Brasil, Enio Nascimento, sente uma necessidade de aproximar os pais dos filhos em torno do assunto. “A atividade agrícola é como uma empresa. O jovem deve decidir se será sucessor ou herdeiro”, sugere.

Motivação, para ele, é o segredo para que a primeira opção seja a escolhida. O conceito é compartilhado também por Eduardo Goulart, representante técnico de vendas da Bayer. “Temos que cativar o jovem para que o cooperativismo siga forte”, enfatiza. Gustavo Breancini, também da Bayer, ensina que uma geração entrega para a outra o que construiu, e assim consecutivamente.

Taís Leivas, consultora da Safras & Cifras, lembra que o Conexão Cotribá foi constituído a várias mãos para



No painel foi destacada a necessidade de renovação de ideias e práticas nas propriedades

atender os anseios que se tem no processo. Ela destaca que a ideia é respeitar os fundadores e profissionalizar

os jovens.

Os sucessores presentes no painel citaram o fluxo de caixa, a avaliação de custos e o

entendimento da responsabilidade de todos os filhos com as propriedades como as principais lições do projeto.